



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

A EPOCA: jornal de industria, ciencias, litteratura e bellas-artes¹ (Lisboa, 1848-1849) – Multitemático e ilustrado, enquadra-se na categoria de periódico literário romântico do século XIX. João de Andrade Corvo² e Luiz Augusto Rebello da Silva³ são os seus fundadores; e desejam ser “uteis ao paiz”, visando um futuro em que “a bussola é a sciencia, e o trabalho e as maquinas dão-lhe movimento”. O rumo: “Acordemos nos homens bons de Portugal o amor do trabalho, ensinemos-lhes os meios de o tornar fecundo, e conseguiremos levar a salvamento esta náu (o jornal) ”.

Publicou-se ao longo de 52 números⁴, os primeiros 27 de junho a dezembro de 1848, os restantes em 1849. Eram compostos na Impressão da Epoca: travessa do Guarda-Mor n.º 8 (1848), e Rua dos Calafates n.º 28 (1849), para onde muda e onde continua, pelo menos, até ao n.º 39.

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/AEpoca/AEpoca.htm>

² João de Andrade Corvo (1824-1890), foi escritor, professor, militar, agrónomo e político. Após a Guerra Civil (1828-1834), vem para Lisboa com a família. O seu tio, o general Nuno Taborda, liberal, encarrega-se dos seus estudos. Polifacetado, Corvo foi um dos fundadores da Sociedade Escolástico-Philomatica e do seu órgão, *Cosmorama Literário* (Lisboa, 4 de janeiro a 22 de agosto de 1840). Fez a Escola Politécnica (1939-1944), onde estuda, entre outros, com Latino Coelho, que se estreia aqui como poeta (n.º 4), e depois de 1844 fica como professor-substituto de Botânica (regida por José Maria Grande, colaborador deste jornal). Escreve o drama histórico *D. Maria Teles* (1843), que é festejado num artigo de Alexandre Herculano no *Jornal do Conservatório* (1843 não consta na sua coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa). Entra para a Escola do Exército (1843) onde termina Engenharia (chega a coronel de Engenharia) e a Escola Médica. Assina aqui pela primeira vez, uma série de textos temático-historicistas, “A Arte” (n.ºs 16-18, 22, 25). Pertenceu à Liga Promotora dos Interesses Materiaes do Paiz (1846-1849). Uma biobibliografia sua, intitulada “João d’Andrade Corvo”, de L. A. Palmeirim (também colaborador deste jornal), sai na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil* (Lisboa, 1859-1865), onde colabora, em 1860 (Na Hemeroteca Digital, em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/RevistaContemporanea/Voll_1860/N06/N06_item1/P2.html).

³ Luiz Augusto Rebello da Silva (1821-1871) foi escritor, historiador, e político português. Estudou Humanidades, e frequentou um ano a Universidade de Coimbra (1839), que abandona. Regressa a Lisboa (1841), onde nasceu, e torna-se orador na Sociedade Escolástico-Philomatica, onde conhece Alexandre Herculano, que lhe dá acesso à Biblioteca da Ajuda. Estreia-se como romancista histórico, com *A Tomada de Ceuta* no *Cosmorama Literário* (1840); e aqui, em 1848, com *Odio Velho não Cansa* (dedicado Alexandre Herculano). Então já era sócio do Conservatório Real (1845) e Oficial da Secretaria do Conselho de Estado, e depois secretário (1849, gabinete do Duque de Saldanha) que abandona. Foi, também, fiscal do Teatro D. Maria II (1846), redator do *Diário do Governo* e do *Boletim do Ministério das Obras Publicas*. Pertenceu à Liga Promotora dos Interesses Materiaes do Paiz (1846-1849). Em 1846 profere o seu primeiro discurso nas cortes, sobre as eleições no Algarve. Em 1856, a *Ilustração Luso-Brazileira* (Lisboa, 1856-1859), onde colabora, publica uma extensa biobibliografia sua, intitulada “Uma Viagem pela Litteratura Contemporanea (ao sr. Alexandre Herculano) : L. A. Rebello da Silva I-V”, do jornalista Ernesto Biester (1829-1880), (na Hemeroteca Digital, em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustrLusoBrasil/1856/N1/N1_item1/P6.html), continuado n.ºs 2-4, 6 e 8. Outra biobibliografia sua, intitulada “Luis Augusto Rebello da Silva” de J. M. d’Andrade Ferreira, sai na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil* (Lisboa, 1859-1865), onde colabora (na Hemeroteca Digital, em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/RevistaContemporanea/Voll_1859/N09/N09_item1/P2.html).

⁴ Na Hemeroteca Municipal de Lisboa, a sua coleção é constituída pelos primeiros 39 números (1848-1849), sem o índice de 1849, e reunidos em 3 volumes com encadernação cartonada.

No seu número inicial informa-se que a periodicidade é semanal, mas só o n.º 2 se encontra datado de *Segunda Feira 3 de julho de 1848*; “assigna-se e vende-se nas lojas de Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1; na de (João Paulo Martins) Lavado n.º 8; na de Lemos n.º 127; Bordallo n.º 195; Arcejas n.º 85 (e Verol, n.º 182); Carvalho, ao Chiado n.º 2; e Torcato, rua do Ouro n.º 113”; e dos “preços da assignatura: por um anno, 2\$880 réis; por seis mezes, 1\$440 réis; por tres (meses), 720 réis”, e “avulso, 70 réis” (n.º 1, p. 16).

A *União*, um dos jornais seus contemporâneos, anuncia-o, assim como a sua morada: “também se assigna e vende no escriptorio do mesmo jornal, travessa do Guarda-Mór n.º 8-2.º andar”⁵. Outros locais de venda são os seus numerosos agentes, distribuídos pelo território continental português (V. n.º 11, p. 176). Com a alteração do local da tipografia da *Epoca*, “participa-se aos Srs. Agentes e Assignantes que o escriptorio da redacção deste jornal mudou-se para a rua dos Calafates, n.º 28, 1.º andar, aonde devem dirigir toda a correspondencia” (n.º 33, p. 96).

E a sua congénere e popular *Revista Universal Lisbonense* recebe-o como um “Jornal *Litterario* redigido pelo Sr. João de Andrade Corvo e Luiz Augusto Rebello da Silva, ornado de estampas abertas de madeira.”⁶

Segundo o bibliógrafo Innocencio Francisco da Silva, o jornal inclui índice de “Lisboa, na Typ. da Revista Universal Lisbonense 1849” e gravuras intercaladas no texto. Este jornal, que na phrase de um nosso critico (Andrade-Ferreira) «alargou o horisonte da nossa literatura nos dominios da imaginação» começou em 1848, e findou em 1849. Posto que dividido em dous tomos (anuais) pelo que toca à numeração das páginas, contendo o 1.º 430, e o 2.º 400, tem comtudo um só frontispício e índice commum. Há entre os seus numerosissimos artigos muitos que ainda se podem ler com proveito. D'elle foram redactores principaes os srs. Rebello da Silva e Andrade Corvo, tendo por distinctos colaboradores, além de outros, os senhores J. M. Grande, Tullio (sob o pseudonymo de Barão de Alfenim)⁷, Sousa Monteiro, Lopes de Mendonça, Latino Coelho, etc. etc.”⁸

⁵ V. “Publicações Periódicas” – *A União* (Lisboa, 1848-1850), n.º 150 (10 de julho 1848), p. 608. Este título, com algumas faltas, faz parte do acervo da Hemeroteca Municipal de Lisboa.

⁶ V. “Publicações recebidas – *A Epoca* n.º 1 a 3”, na rubrica “Expediente” da *Revista Universal Lisbonense*, Vol. VII (Série III), n.º 32 (13 de Julho 1848), p. 384 (Na Hemeroteca Digital, em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/RUL/1847-1848/Julho/N.%20032/N.%20032_item1/P12.html).

⁷ A. da Silva Tullio também assina com o nome próprio, nomeadamente uma notícia sobre o “Gremio Litterario: sessão de abertura dos Cursos Publicos” (n.º 39, pp. 183-186). Usa o pseudónimo *Barão de Alfenim* na rubrica “Chronica”, que começa a publicar-se regularmente a partir do n.º 26.

⁸ V. Innocencio Francisco da Silva – “A EPOCA: jornal de industria, sciencias, literatura, e bellas-artes”. In *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859, T. II, p. 229.

Andrade-Ferreira, no seu artigo intitulado “Jornalismo Litterario em Portugal”, analisou cronologicamente a importância de vários periódicos portugueses. Para ele, “o jornalismo litterario contou sempre representantes desde que o fundou definitivamente entre nós o seu verdadeiro patriarcha, nos intentos e influxos da redacção, o antigo *Panorama*”.⁹ Considera, também, que “O *Mosaico*”¹⁰ foi o prologo em que Rebello da Silva, Mendes Leal, Mendonça, Corvo (...), hoje (1857) já fortalecidos e nobilitados em diversos ramos da sciencia e do saber, balbuciam as primeiras syllabas dos seus protestos de fé litteraria, e onde desferiram já os vôos das suas audaciosas concepções futuras. (...) A *Epocha* (Lisboa, 1849-1849) e o *Pharol*, folhas hebdomadárias, publicadas pouco tempo depois, são já a realização d’estes pronuncios. A primeira d’estas publicações, colaborada por Rebello da Silva, Andrade Corvo, e Silva Tullio, alarga já os horisontes da nossa litteratura nos domínios da imaginação, aventurando-se a géneros e concepções, onde só podem figurar com vantagem o espirito de observação e rigor de analyse, a fantasia creadora e o estudo.”¹¹

Atentemos nos vocábulos “imaginação” e “literário”. Concretamente, um *jornal literário* em 1848, só não podia ter “parte politica”, como se lê na “Noticia Importante” publicada neste jornal: “Por uma Lei, já discutida em ambas as Camaras, os jornais literários vão ficar isemptos de pagar Porte de Correio” (n.º 1, p. 16). Inesperadamente, pouco depois publica-se o seguinte texto: “Neste numero da «Epoca» não se inseriu a *chronica* por esta ter sido caracterizada de parte politica pela Inspeção dos Correios, em virtude da Portaria do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, explicativa da Lei das Cortes sobre portes de jornaes. Para os nossos assignantes não serem onerados com o porte marcado aos jornaes políticos, foi por tanto suprimida a *chronica*. A direcção da «Epoca» vae desde já interpor as suas reclamações perante o Governo a fim de que o seu periodico não seja mutilado das notícias do reino e dos paizes estrangeiros de maior curiosidade, a pretexto de conterem politica”¹². Logo que este incidente se resolva, como é de esperar, serão remetidos aos Srs. Assignantes da «Epoca» os números anteriores que lhe faltarem, e se acham feridos do interdicto pronunciado pela referida Portaria do Ministerio dos Negocios Estrangeiros” (n.º 4, p. 64). No entanto, este incidente, claramente censório, não se deve ter resolvido pois a *chronica* regressa noutra tom, o de

⁹ Refere-se a O *Panorama: jornal literário e instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis* (Lisboa, 1837-1868), inicialmente redigido por Alexandre Herculano (Na Hemeroteca Digital, em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/OPanorama/OPanorama.htm>).

¹⁰ O *Mosaico: jornal d' instrução e recreio* (Lisboa, 1839-1841), existe, nos seus primeiros 43 números, na colecção da Hemeroteca Municipal de Lisboa.

¹¹ V. Andrade-Ferreira – “Jornalismo Litterario em Portugal”. In *Archivo Pittoresco*, Tomo I, n.º 12 (setembro 1857), p. 94 (Na Hemeroteca Digital, em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/1857/Tomol/N12/N12_item1/P6.html).

¹² Então, a rubrica intitulava-se “Cronica da Semana”, e a sua natureza era política, subdividindo-se nas secções “Interior” e “Exterior” (n.º 1, p. 15; n.º 2, p. 31; n.º 3, p. 47).

crítica social, a partir do número 26, assinada pelo *Barão d'Alfenim*, pseudónimo de António da Silva Tullio¹³.

Associando à *censura*, o investigador Ernesto Rodrigues (1956-), explana a designação de *jornal literário* no século XIX como uma capa protetora para os seus responsáveis. Diz ele, que “muitas designações *literárias* ou programas *científicos* de certas publicações eram a melhor maneira de esquivar ameaças futuras, quando rebeliões (e foram tantas nos anos 40) chamavam ao Ministério do Reino poderes discricionários, com censura ou suspensão dos jornais, onde se exceptuavam os literários e científicos e os diários das Câmaras Legislativas e do Governo.”¹⁴

LINHAS PROGRAMÁTICAS

Na “Introdução” que abre o periódico, João de Andrade Corvo e Luiz Augusto Rebello da Silva consideram que “só a grande variedade da matéria, a diligente erudição de cousas curiosas, e de poucos ainda conhecidas, póde tornar agradável aos que a lerem uma publicação desta natureza; entretendo sem enfado, tendo sempre em excitação o apetite. Procuraremos intermear o util com o deleitoso; poremos ao lado do processo agrícola a poezia amena; ao lado da severidade da historia a facilidade do romance; juntaremos a descrição enfadonha de um novo invento, com a critica agradável de um novo livro de literatura; ornaremos as nossas páginas com modellos de maquinas, e com copias de estatuas, ou de quadros celebres; e procuraremos em tudo, e sempre, conservar aquela sisudez e gravidade, que convem manter quando se escreve para leitores que se respeitam a si, respeitando e procurando conhecer os progressos, que cada dia vae fazendo a intelligencia humana. Em duas partes se dividirá naturalmente o nosso trabalho: uma puramente scientifica e industrial, a outra particularmente litteraria, mas ambas uniformes no pensamento de popularizar a instrucção” (n.º 1, 1848, p. [1] -2).

Seis meses depois, publica-se o balanço do jornal, num texto não assinado, mas ilustrado por (Manuel Maria) Bordallo Pinheiro com temática social entrelaçada com elementos clássicos floreados na frase “Boas Festas” e na

¹³ António da Silva Tullio (1818-1884) foi jornalista e escritor. Com 18 anos vai trabalhar para o cartório de José Caldas Aulete, e conhece Almeida Garrett e Alexandre Herculano, entre outros escritores. Em 1844 emprega-se na Biblioteca Nacional, como oficial, na secção de manuscritos e de jornais políticos e literários. Em 1863 sobe a Conservador da 2ª repartição (História e Literatura), onde o Conselheiro José da Silva Mendes Leal é bibliotecário-mor e depois colaborador aqui. Tullio foi sócio efetivo da Sociedade Escolástico-Filomática (1839-1846), e Secretário da Liga Promotora dos Interesses Materiaes do Paiz (1846-1849). Mas foi, principalmente, um excelente crítico, aqui sob o seu pseudónimo *Barão d'Alfenim* na rubrica “Chronica”, alvejando tudo e todos, até os seus congéneres jornalistas de outras crónicas sociais, como se pode ler aqui (V. n.ºs 26-32, 34, 36-39).

¹⁴ V. Ernesto Rodrigues – “Literatura geral”. In *Mágico Folhetim*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998, pp. 101-102.

letra capitular inicial: “Vamos, com o novo ano, dar principio ao segundo volume deste Periodico. Anima-nos a progredir em tão árduo trabalho o acolhimento lisonjeiro que a *EPOCA* tem tido das pessoas ilustradas do paiz, e que se dedicam á agricultura ou a qualquer outro ramo de industria.” Mais à frente, lê-se: “O programma que apresentámos resumidamente na introduccção do nosso primeiro numero era vasto, muito vasto de mais para um só jornal; mas explicamos então as razões que nos levaram a extender sobre um tão grande numero de objectos importantes e completamente distinctos, os domínios literários da Epoca. (...) Conhecemos, confessamol-o francamente, que o nosso programma não foi executado ainda em toda a sua extensão: sobraram-nos para isso os desejos, mas faltaram-nos muitas vezes as forças, e o espaço. (...) Temos porém a consciencia de que não nos apartámos, no pouco que temos feito, dos principios que se acham consignados nesse programma; porque nos dirigiu sempre a nossa fé nesses principios, o nosso amor pela verdade, e a esperança de sermos uteis á patria. A *Epoca* tem sido considerada por alguns indivíduos (...) *como um periódico pezado de estillo, (...) a maior parte das vezes massador.*” E afirma-se que a intenção “não foi fazer da *Epoca* um desses jornaes de *instrucção e recreio*” nem “criar um periodico de critica litteraria e scientifica” (...): o nosso alvo era outro. Portugal carecia de uma REVISTA, em que se discutissem e tratassem as questões de interesse publico com o preciso desenvolvimento, para as tornar comprehensíveis” (Tomo II, n.º 28, 1849, p. [1] -2).

RUBRICAS

Na parte de “INDUSTRIA E SCIENCIAS” que abre o jornal em 1848, divulga-se quase exclusivamente a “agricultura – os methodos novos, aperfeiçoados pela chimica, e pela fisiologia vegetal” (V. n.º 1, p. [1]), em artigos corridos e não assinados até ao n.º 5; seguindo-se o “Guia e Manual do Cultivador” anunciado em conjunto por José Maria Grande¹⁵ e João de Andrade Corvo (n.ºs 6, p. [81]). Esta rubrica continua não assinada (n.ºs 7-14); e só oito números depois, José Maria Grande vai passar a assiná-la sozinho (n.ºs 15-19, 21, 24, 26-28, 30-31,

¹⁵José Maria Grande (1799-1857) foi médico e professor. Em 1823 forma-se como bacharel em Medicina pela Universidade de Coimbra. No ano seguinte foi nomeado médico militar, exercendo até 1828, ano em que emigra para Espanha, devido à perigosa situação política em Portugal. Regressa em 1834, e exerce funções administrativas até à revolução de setembro de 1836. Forçado, novamente, a sair de Portugal, visita Inglaterra, França e Bélgica, e recebe o grau de doutor pela Universidade de Lovaina em 1838. Era lente de Botânica na Escola Politécnica, em Lisboa, em 1844, entre outros cargos educativos. Publica-se o seu *Discurso recitado na sessão solene da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, em 1845. Foi um dos dois vice-presidentes da Liga Promotora dos Interesses Materiaes do Paiz ao mesmo tempo que colaborou aqui (1848-1849), onde se iniciou com “Um Botanico Hispanhol”, sobre uma visita ao Jardim Botânico da Ajuda, do qual era diretor, do Dr. Miguel Colmeiro da Universidade de Sevilha (n.º 4, p. 51); e republica-se aqui, um artigo traduzido desse naturalista e iberista espanhol, do *Boletim Official de Comercio, Instrucção e Obras Publicas de Madrid/ Escola politécnica e Ciências Naturais-Botânicas* (n.ºs 20-21).

33, 35-37), sendo o autor do livro, com o mesmo título, em “8.º com estampas”, cujo primeiro volume é anunciado ao preço de 600 réis para assinantes e 720 réis em avulso” (n.º 32, p. 80).

Economia Social e instrução Publica também são secções de *Indústria e Sciencias*. Deles, pela sua relevância temporal, destacam-se os seguintes artigos soltos diversos: sobre *cholera e classe medica portuguesa* (n.º 17, p. 261), e *policia medica e higiene publica* (n.º 19, p. 294), de J.A.A. Dias Veneiros (?); “Administração Publica (n.º 22, p. 341), e “Instrução Publica” (n.º 23, p. 354), de L.A. Rebelo da Silva; “Concelho de Collares” (n.º 21, p. 327), “*Zacuto Lusitano: jornal semanal de Medicina e Sciencias Accessorias*” (n.º 31, 1849, p. 61), “A Academia das Sciencias” (n.º 33, 1849, p. 92), e “O Tempo é riqueza (*Time is Money*)” fala sobre o jornal *Times* (n.º 35, 1849, p. 126), de João de Andrade Corvo.

A outra parte do periódico, “LITERATURA E BELLAS-ARTES”, inclui uma rubrica que engloba uma gravura legendada por um texto; muitas são de (Manuel Maria) Bordalo Pinheiro que é, provavelmente, o editor artístico, assinando B.P.¹⁶ (n.ºs 1, 6, 12, 14-16, 19, 22, 28-29, 31-32, 34). A esta *rubrica* seguem-se outras, a que tem o título do romance ou drama, a “Poesia”, e a “Cronica da Semana”/“Chronica”.

São raras as críticas teatrais no jornal, apesar da importância do Teatro na sociedade portuguesa do século XIX; a primeira, do “Theatro de D. Maria II: O Alcaide de Faro” do Sr. Cascaes, por não ser (mais) uma tradução, mas “um Drama original” (n.º 8, p. 128). Depois, estas críticas, informações financeiras e outras, saem na rubrica “Noticias” que fecha os números (n.ºs 9-11, 13-20, 23-26, 28-29, 32-33, 35-36, 38-39). Delas, também destacamos “*Jornal de Bellas Artes n.º III*”, com menção à *inauguração das estátuas sobre o frontão do Theatro Nacional* (n.º 10, p. 160); e as soltas do “Theatro do Gymnasio” sobre a *nova producção (de) muzica do sr. Miró* (n.º 17, p. 271); do “Theatro D. Maria II” pela *subida á scena pela primeira vez o drama original Affronta por Affronta* de A. P. Lopes de Mendonça (n.º 23, p. 367), publicado aqui depois (n.ºs 33-37, 1849), além de *Casar ou Metter Freira: proverbio em um Acto* que o autor envia por carta ao “Sr. Redactor” (n.ºs 26-29); e do “Theatro de S. Carlos” sobre a reposição da ópera *Lombardos* de Verdi (n.º 25, p. 397).

¹⁶ B. P., abreviatura das iniciais Bordalo Pinheiro, o Manuel Maria (1815-1880), ilustrador, pintor e gravador português. Teve 9 filhos, dos quais os mais populares como artistas, foram Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905), e Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929). Exerceu o cargo de primeiro oficial da secretaria da camara dos dignos pares, e foi agraciado, entre outras distinções, como “socio de mérito da real academia de bellas artes”. “Amigo e companheiro do ilustre historiador Alexandre Herculano, foi (Manuel Maria) Bordallo Pinheiro um dos que o auxiliaram na fundação artística do *Panorama*, e colaborou em outras publicações”. (V. Brito Aranha – “Manuel Maria Bordallo Pinheiro”. In *Diccionario Bibliographico Portuguez*...Lisboa: Imprensa Nacional, 1893, T. XVI (Nono do suplemento), p. 264.

COLABORADORES E CONTEÚDOS

Dos 28 colaboradores do jornal, todos do sexo masculino, os seus fundadores Luís Augusto Rebelo da Silva e João de Andrade Corvo são, sem dúvida, os mais prolíficos. Também José Maria Grande, Manuel Maria Bordalo Pinheiro, e António da Silva Tulio (a partir do número 26), colaboram assiduamente.

Ernesto Rodrigues, na sua ficha deste periódico afirma que é “um dos mais importantes semanários, introduzido, nas suas 16 páginas, por João de Andrade Corvo e Luís Augusto Rebelo da Silva. Os apartados são claros: indústria e ciências, por um lado, literatura e belas-artes, por outro, e respectivas estampas seguindo-se miscelânea (...). Títulos (não assinados) como *Necessidade do Ensino da Agricultura* (n.º 1, p. 2), *Da Instrução e suas Aplicações* (n.º 1, p. 5), *Nova Machina Hydraulica* (n.º 1, p. 8) ou, além de poesia, episódios de *Ódio Velho não Cansa* (logo no n.º 1), dão ideia aproximada desta numeração seguida, comportando ainda: “A Sobrinha do Marquez” [de Garrett, crítica] (n.º 2, 3-VII-1848, p. 26); “A Última Corrida de Touros Reais em Salvaterra” [conto clássico de Rebelo da Silva (n.º 4, p. 56); *in Contos e Lendas*, 1873], bem como recensão do mesmo Rebelo da Silva a “O Monge de Cister” (n.º 14, p. 216); poemas de Palmeirim (1825-1893) [“D. Sebastião” (n.º 4, p. 63), e “O Tejo” (n.º 9, p. 142)], Latino Coelho (1825-1891) [“Recordação A M...” (n.º 4, p. 64), “Oriental” (assina L.C.)” (n.º 19, p. 302), “A Solidão” (n.º 21, p. 335), o popular “Á Pátria” (n.º 23, p. 366); e “Escrepta no souvenir da Exma Srª D.M.B.S.” (n.º 35, 1849, p.119)], Mendes Leal, A. de Serpa [“O Canto do Cruzado” (n.º 8, p. 127), e “Vozes Intimas” (n.º 27, p. 427)], B. (Bulhão) Pato; e as longas quatro partes não assinadas (de Rebelo da Silva) sobre “A Eschola Moderna Litteraria (I-VII)//O Sr. Garrett (n.ºs 7-10, 15-16, 25, 27), onde é questão de mais um balanço sobre elmanismo e filintismo.”¹⁷

Os poetas tiveram o seu espaço na rubrica “Poesia”. Nela, além dos que já mencionámos, também publicaram: A. J. de Sousa Almada (1824-1874) – “Os Beijos” (n.º 13, p. 207); e “Canto do Arabe. Ao meu amigo D. João de Menezes” (n.º 18, p. 286) –; X (Pseudónimo de Tomás de Carvalho, 1819-1897) – “A Minha Estrela (a M.L.) ” (n.º 37, 1849, p. 148), e o texto poetizado “As Flores” (n.º 36, 1849, p. 138) –; Andrade Corvo – “Improviso” (n.º 25, p. 397); “Que horas que tem a vida” (n.º 29, 1849, p. 22); “Enchei minha alma, enchei sonhos d’amor” (n.º 33, 1849, p. 85), “Junto á torre feudal abandonada” (n.º34, 1849, p. 102), e “Versos Escriptos n’um Album” (n.º 36, 1849, p. 133) –; e José Maria Grande – “Fragmento de um Poema Inédito” (n.º 6, p. 95), e “Á Harpa de Miss... Ode” (n.º 11, p. 174).

¹⁷ V. Ernesto Rodrigues – “Principais Títulos Literários (séc. XIX): *A Epoca* (Lisboa, Junho de 1848-1849, 52 números)”. In *Mágico Folhetim*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998, p. 139-140.

Outros, 16 colaboradores, assinaram uma (só) produção aqui: Aires Pinto de Sousa (?-1850) com “Um Sonho” (poema), (n.º 12, p. 191); António José d’Ávila (1807-1881), discursa sobre “Legislação Portuguesa sobre o Cadastro” (n.º 11, p. 165); A. R. O. (António Roberto de Oliveira) Lopes Branco (ca. 18--) sobre “As Obras do Mondego” (n.º 15/n.º 19, repetição); Augusto Emílio Zaluar (1826-1882) com “Pensativa! Ao meu amigo o Sr. J. da S. Mendes Leal” (poema), (n.º 17, p. 271); Bulhão Pato (1829-1912) com “Se Coras, Não Conto” (poema), (n.º 10, p. 158); B. Werneck (?) com “O Cipreste” (poema), (n.º 36, 1849, p. 133); D.S.D. (?) sobre “Auroras Boreas” (n.º 30, 1849, p. 39); Francisco Gonçalves d’ Aguiar (?) explica o “Modo de Limpar o Grão” (n.º 11, p. 169); Francisco Palha (1826-1890) com “A Voz do Cego (poema), (n.º 38, 1849, p. 164); João José de Simas (?-1879) analisa a *Cólera e Higiene Publica* (n.º 20, p. 311); José António Morão Júnior (ca.1796-1865) leciona sobre *Lãs* (n.º 16, p. 245); José da Silva Mendes Leal (1820-1886) com “Indianas! I. Vasco da Gama!” (poema), (n.º 5, p. 79); José Maria de Sousa Monteiro (1810-1881) com a crónica continuada “Estudos sobre Cabo Verde I-IV” (n.ºs 12, 20, 22, 37); J.V.B. da Costa (?) com “O Nauta (versão do francez)” (poema), (n.º 20, p. 318); Pereira Brandão (?) com “Analyse do Projecto de Lei sobre a Reforma do Terreiro (n.º 8), e da substituição do sr. Moraes Soares publicada no Diario do Governo de 3 de Junho passado”(n.º 31, 1849, p. 55); e Sebastião Ribeiro de Sá (1822-1865), oferece “A Esculptura Idolatra e a Esculptura Christã” (n.º 36, 1849, p. 130).

Curiosamente, o primeiro folhetim publicado neste periódico, *Ódio Velho não Cansa*, de Luiz Augusto Rebello da Silva (n.ºs 1-26, 1848), e publicado em livro (Lisboa: Typografia da Epoca, 1848), é objeto de “Contrafacção Litterária” como se pode ler nesta notícia solta, não assinada: “O *Madeirense* (Funchal, 1847?)¹⁸, jornal da ilha entendeu que o fructo da intelligencia alheia era seu. Sentimos profundamente que a *Epoca* no seu Romance despertasse o apetite do nosso collega. Resta-nos protestar em nome do direito de propriedade (litteraria) e como escriptores contra o abuso e expoliação de que fomos victimas” (n.º 22, p. 341). Acrescentamos que o mesmo *romance histórico* foi continuado pelo seu autor, neste periódico, até ao n.º 26. Mais tarde, no mesmo tom reivindicativo, mas também historicista, o autor lesado publica o artigo continuado, “A Propriedade Literária” (n.ºs 33-34).

ESTRUTURA GRÁFICA

O periódico apresenta um frontispício não ilustrado, e paginação contínua anual, a qual recomeça no número 28 (1849). Cada número do jornal contém

¹⁸ O jornal *O Madeirense* (Funchal, 1847?), editado por Bernardo Francisco Lobato Machado (ca. 18--), não pertence ao espólio da Hemeroteca Municipal de Lisboa.

16 páginas, grafia a preto, e as suas matérias dispõem-se em duas colunas. A sua mancha gráfica, de alguma facilidade de leitura, compõe-se de textos corridos, separados por pequenas vinhetas gráficas centrais e intercalados com ilustrações e estampas gravadas.

A maior parte dos textos de natureza científica, são ilustrados com vários desenhos de utensílios ou explicações de técnicas agrícolas, e máquinas variadas. Em complemento temático, aparecem mais estampas artísticas em cada número. Mas no n.º 35 surge o “Aviso: Por motivos de redacção não é possível dar estampas neste numero, e em alguns dos números seguintes; prometemos aos nossos assignantes indemnisa-los desta falta” (n.º 35, p. 126). E de facto, sem publicidade paga e assinaturas em atraso, o jornal começa a sofrer de falta de proveitos económicos, e muda a sua natureza para não ilustrado, pelo menos entre os números 35 e 39 (1849).

Devido à sua divisão temática, cada exemplar do jornal parece ser constituído por dois periódicos, separados por dois títulos internos, um de “Industria e Sciencias”, e outro de “Litteratura e Belas-artes”. O último, com letras destacadas e maiores, apresenta (inicialmente) uma ilustração artística em cada número como se fosse a *primeira página* de uma (outra) publicação. Acrescentamos que no início do ano de 1849, este periódico troca as posições dos temas e passa a abrir com o de “Litteratura e Belas-artes”, de forma a cativar outros públicos (n.º 28, 1849, p. [1]).

Por vezes, as primeiras páginas do jornal, em 1848 incluem a ilustração de um texto a abrir o periódico, como: “Cobden¹⁹” de B.P. (n.º 7), *ponte pensil* (n.º 8), “Um Leito de Aparato” (n.º 9), “A Serpente do Mar” de B. P. (n.º 24), e “Sala da Creche de Saint-Gervais” (n.º 25).

ENQUADRAMENTO

A *Sociedade Escolástico-Philomatica*²⁰ é fundada em Lisboa, em 14 de abril de 1839 e termina sete anos depois. Teve morada inicial numa *casinha da Rua da Atalaia* mas, a partir de 1843 muda-se para a Praça do Comércio/Terreiro do Paço, para instalações mais condignas, cedidas oficialmente. Foi o palco da

¹⁹ Richard Cobden (1804-1865) foi industrial, economista e político britânico, também tem aqui um longo texto biográfico, não assinado (n.º 7, p. [97]-100). Cobden notabilizou-se em Economia Política por ter combatido o monopólio inglês das *Corn Laws*. Foi também um ativista social que viajou pela Europa, após ganhar a votação contra aquelas leis no parlamento inglês, como deputado. Para isso, criou uma associação, a Liga da Liberdade do Comércio (Manchester, 1838), a qual dissolveu pacificamente após a vitória da sua *bill*, em 27 de junho de 1846. Essa Liga inglesa foi, claramente, a inspiradora da portuguesa Liga Promotora dos Interesses Materiaes do Paiz (Lisboa, 1846-1849).

²⁰ V. R. Esteves – “Sociedade Escolástico-Filomática (SEF)”. In *Dicionário do Romantismo Literário Português*, Lisboa: Editorial Caminho, 1997, p. 539.

segunda geração romântica, mas considera-se que repetiu o *primeiro romantismo português*. As suas conferências e debates livres foram uma escola incontornável para os futuros escritores, no período conturbado entre a guerra civil portuguesa liberal (1834), e o início da guerra civil cartista/*Patuleia* (6 de outubro 1846). A esta importante sociedade pertenceram a larga maioria dos colaboradores deste periódico. Muitas outras personalidades famosas também foram membros desta sociedade, que teve como patrocinadores, os *maiores dos maiores* escritores portugueses: Almeida Garrett (1799-1854), que em 1840 é proclamado *presidente de honra da sociedade e sócio honorário*, Alexandre Herculano (1810-1877), e António Feliciano de Castilho (1800-1875) que, em 1841, recebe o título de *protector da sociedade*.

A *Liga Promotora dos Interesses Materiaes do Paiz*²¹ foi a outra associação apolítica que aglutinou todos os colaboradores deste jornal. De cariz patriótico, este movimento cívico surgiu (também) em Lisboa, depois do levantamento popular da Maria da Fonte (maio de 1846), por uma “proclamação de Claudio Adriano da Costa (1795-1866), que “assinalava que na Grã-Bretanha eram os cidadãos, e não o Rei, o motor do desenvolvimento”, do que induzimos que conhecia o economista *Cobsen* (V. nossa nota de rodapé n.º 19). No entanto, esta Liga vai interromper as suas reuniões durante a Guerra Civil da Patuleia mas volta, irreverente, dois anos depois (agosto de 1848). O seu fundador, Claudio Adriano da Costa, aceitava inscrições nominais na sua residência, na “Rua do Alecrim, 56”. O seu presidente, Ayres de Sá Nogueira (1835-1901), em funções desde a primeira reunião em sua casa (19 de julho de 1846), era tido como “protegido pelo governo” cartista; “a Rainha (D. Maria II) autorizara, através do Ministério dos Negócios do Reino, pelo punho do próprio Duque de Saldanha (1790-1876), a Associação a celebrar as sessões necessárias para discutir os *Estatutos definitivos, os quais para terem validade serão submetidos à aprovação do Governo*” (1848). As suas reuniões realizavam-se na “sala nobre do Teatro de Maria II”, e incluíam *delegados municipais* (inscrições no “Pateo do Thorel, nº 12, ao Campo de Santa Anna”), além de *bilhetes* para os curiosos, separados por género: *Senhoras (galeria 1)* e *Homens (galeria 2)*. Previamente agendadas, as notícias da Liga publicavam-se “na imprensa periódica de todas as cores (1848)”, e aqui (V. n.º 20, p. 319; n.º 25, p. 397). Silva Túlio, que participava entusiasticamente nas reuniões, no balanço do ano 1848 na sua “Chronica”, dá-nos um retrato irónico do fenómeno: “A Liga, a meza da Liga, a votação da Liga, os apagadores da Liga, o relator da Liga, as propostas da Liga, e o jornal da *Liga*²² – eis os textos que teem andado em commentario toda a semana, e que nos hão feito errar, por mais de cem vezes,

²¹ V. António Alves Caetano – “Liga Promotora dos Interesses Materiais do País (1846-1849): o crescimento económico-social adiado”. In *Arquipélago: revista da Universidade dos Açores. História*, S. 2, V. 4, n.º 2 (2000), p. 585-612.

²² O jornal *A Liga* (Lisboa, (?) novembro 1848), não faz parte do acervo da Hemeroteca Municipal de Lisboa.

a contagem dos votos que teve Luiz Napoleão para a presidência da republica! Realmente *la cosa es seria*. Trata-se de saber como e de quem se ha-de compor a Liga. Uns querem que alli possa entrar todo o bicho careta (seja dito sem offensa alheia), outros votam porque se restrinja a admissão por via de uma espécie de eleição. (...) A entrada franca, como a principio se propoz, tornaria a Liga tão *populosa*, que não cabendo na *sala do risco do Arsenal*, vê-se-ia obrigada a reunir no *Terreiro do Paço*, e o presidente teria de montar-se de garupa com el-rei D. José, para poder ser visível, e dirigir dali os trabalhos por um oculo! As propostas porém dos srs. Mendes Leal (colaborador aqui) e (Carlos Zeferino) Pinto Coelho (1819-1893) devem resolver todas as difficuldades. (...) Louvamos o fervor que se vai desenvolvendo nas discussões desta patriotica assembléa, e pedimos ao publico não dê ouvidos ás vozes desanimadoras que se espalham contra ella. Pela nossa parte julgamos esta Liga credora de se lhe conferir aquelle mesmo mote que Eduardo III de Inglaterra fez para a da condessa de Salysbury: *Honny soit qui mal y pense*” (n.º 27, p. 428). Depois, a propósito dos *Cursos do Gremio Litterário*, onde Silva Túlio vai ministrar *Epistolographia*, cita-se o dito anónimo: “o sexo amavel alli terá entrada, com mais proveito que nas galerias da *Liga*” (n.º 28, p. 15); e que “as senhoras, cuja concorrência no Domingo foi esplendida, iam-se retirando enfadadas por falta de discussão (dos estatutos)” (n.º 30, p. 46). E é pelo testemunho esperançoso deste autor, na sua “*Chrónica*”, que sabemos que “as sessões da Liga foram suspensas oficialmente: tracta-se porém de remover os obstáculos que deram motivo a esta resolução ministerial – o que todavia já vai tardando” (n.º 39, p. 191). Mas era o fim deste “movimento cívico”; a reunião agendada para o domingo de 18 de março de 1849 no *Tribunal do Comercio* (local das últimas, em 4 e 11 de março de 1849), já não se realiza pois “o marechal Saldanha (desculpando-se ao antagonista Conde de Tomar?) mandou encerrar a Liga”. Era um *gigante nacional* que tinha de ser abatido, por todas as razões. Premonitório, Rebello da Silva defende a Liga no artigo “A Liga dos Interesses Economicos”, aqui (n.º 29, 1849, p. 23); e José Maria Grande, um dos dois vice-presidentes da Liga e proponente do *Banco Rural* que é chumbado, publica aqui o “Relatório apresentado á Liga ácerca do projecto de Bancos-Ruraes (25 de Fevereiro de 1849)” (n.º 36, 1849, p. 140).

Por Helena Roldão

Hemeroteca Municipal de Lisboa, 15 de Setembro de 2017

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

SILVA, Inocêncio Francisco da – *Diccionario Bibliographico Portuguez : estudos applicáveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa : Imprensa Nacional, 1858-1958.

BUESCO, Helena Carvalhão (Coord.) – *Diccionario do Romantismo Literário Português*. Lisboa : Editorial Caminho, 1997.

RODRIGUES, Ernesto – *Mágico Folhetim*. Lisboa : Editorial Notícias, 1998.

ANDRADE, Adriano da Guerra – *Diccionario de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*. Lisboa : Biblioteca Nacional, 1999.

CAETANO, António Alves – “Liga Promotora dos Interesses Materiais do País (1846-1849): o crescimento económico-social adiado”. In *Arquipélago: revista da Universidade dos Açores. História*, S. 2, Vol. 4, n.º 2 (2000), p. 585-612.